

JUSTIFICATIVA

Conhecido como *Legalidade*, o movimento político e patriótico que em 1961 garantiu a posse de João Goulart na Presidência da República completa 50 anos em 2011.

O presente Projeto de Resolução, sugerido à Mesa pelo Deputado Raul Carrion, ao denominar “Engenheiro Homero Carlos Simon” o Espaço de Inclusão Digital da Assembleia Legislativa (hoje conhecido como AL.com), busca prestar homenagem a um dos personagens mais importantes daquele acontecimento histórico, que com seu trabalho nos bastidores, possibilitou que a Rede Radiofônica da Legalidade fosse ao ar, disseminando o movimento por todo o País.

Homero Carlos Simon nasceu em 1920 no município de Carazinho. Em 1946, formou-se em Engenharia Civil, como mecânico eletricitista e, em 1953, foi convidado para instalar a Rádio Guaíba, trabalho concluído em 1957 com a implantação dos transmissores mais modernos de então. Nacionalista militante, Homero adquiriu equipamentos e componentes eletrônicos em sua grande maioria fabricados no Brasil, que iam sendo alterados, ajustados e remontados sob a sua supervisão, obrigando, por vezes, um trabalho redobrado, como ele mesmo lembraria anos depois, em depoimento a Octavio Augusto Vampré:

“– Foi uma das lutas, das mais ingratas, mas ao final vencedora, de quatro anos seguidos, pelos problemas técnicos que tivemos de enfrentar para a instalação de transmissores e torres.”

Homero Simon foi o primeiro funcionário da emissora, lá permanecendo até sua morte, em 18 de abril de 1987. Seus esforços – desenvolvidos ao longo de 30 anos – permitiram que a Rádio Guaíba sempre tivesse uma grande qualidade sonora.

Entre 1978 e 1984, Homero presidiu o Sindicato dos Engenheiros do Estado. De 1964 a 1986, foi conselheiro do CREA e também da Sociedade dos Engenheiros do Rio Grande do Sul. De 1969 a 1981, foi o professor da cadeira de Antenas e Programas Radiofônicos da PUC. Além disso, de 1972 a 1986, foi professor da Rádio da Faculdade de Jornalismo da UFRGS, onde exerceu ainda a chefia do Departamento de Engenharia Eletrônica. Homem que marcou o sistema de rádio, não apenas no Rio Grande do Sul, mas em todo o Brasil, num trabalho reconhecido mundialmente.

A REDE DA LEGALIDADE

Conforme Jessiel Baumgarten, contemporâneo de Homero na direção do Sindicato dos Engenheiros do Rio Grande do Sul, a maior ousadia do engenheiro eletrônico Homero Simon se refere à Legalidade. “Em 1961, para ajudar a assegurar a posse de João Goulart, após a renúncia do presidente Jânio Quadros, Homero montou um sistema incomum de transmissão de rádio em favor da democracia”. Jessiel garantiu que a atitude de Simon foi superior à tecnologia – foi em prol da democracia.

Em entrevista concedida ao Portal de Notícias Sul 21, o radialista e ex-vereador de Porto Alegre Lauro Hagemann (conhecido como “a voz do Repórter Ezzo”), e que atuou como locutor na Rede da Legalidade, deu o seguinte depoimento sobre a participação de Homero Simon na Legalidade:

“Sul21 – Como o senhor ingressou no movimento?”

Lauro Hagemann – Eu entrei nessa Legalidade meio que por acaso. E não é outra a minha percepção de que tenha sido também essa sensação que levou Brizola a isso. Os fautores da Legalidade, da campanha, da pregação radiofônica e cívica, são três pessoas. Primeiro, Hamilton Chaves, que era o secretário de Imprensa do Palácio Piratini. Segundo, o engenheiro Homero Simon, da Guaíba, compadre de Brizola, que assoprou na orelha dele que ele devia, através do rádio, conchamar a população a resistir. E Brusa Neto, que era membro do governo do Brizola, um político ligado ao PTB e muito atilado. Foram esses três que constituíram a cadeia de rádio da Legalidade. Porque a Legalidade não foi senão um movimento radiofônico que abrangeu praticamente todo o país e as redondezas.

Sul21 — Foi difícil equacionar a parte operacional da rádio?

Lauro – Homero Simon foi o grande construtor da Rádio da Legalidade; era um técnico reconhecido internacionalmente, especialista em antenas de transmissão. Era um homem político também. Acredito que Breno Caldas, proprietário da Rádio Guaíba, e os militares se viram diante de fatos consumados: quando se deram conta, a Rádio Guaíba estava instalada no Palácio.

(...)

No subsolo do Palácio — os “porões”, como se dizia — havia uma cabine de madeira compensada, com janelas de vidro, era um estúdio pequeno. Tudo o que falávamos ia diretamente para o transmissor da Guaíba localizado na Ilha da Pintada. Quem organizou tecnicamente as transmissões foi Homero Simon, do jeito dele, e deu certo. Brusa era o secretário da redação, o coordenador que fazia a triagem e autorizava o material para leitura. A gente não tinha horário, a coisa era contínua. Eu saía de noite, ia para casa trocar de roupa, ver a família. Éramos todos voluntários. E estavam ali também os técnicos das diferentes emissoras prestando serviço. Ficamos na Rede da Legalidade até o final, quando cada um de nós voltou normalmente ao seu emprego.

(...)

Sul21 — Como a Cadeia da Legalidade atingiu todo o país?

Lauro — A Rádio Brasil Central de Goiás, que era uma estação poderosa, fez cadeia com a Guaíba e inundou o norte, centro e nordeste com o noticiário que recebia daqui do Sul. Isso por determinação do governador Mauro Borges, que aderiu à Legalidade. Depois, aqui, começou a juntar gente para fazer boletins em línguas estrangeiras e transmitir para fora. Chegaram ao Palácio pessoas que falavam inglês, alemão, que era para o mundo ficar sabendo o que estava acontecendo aqui. Porque a Legalidade foi um episódio de repercussão mundial. Sabia-se, lá fora, que um presidente tinha sido impedido de assumir. Isso foi o que causou espanto, pois um fato desses significa um golpe, em qualquer lugar do mundo. As agências noticiosas do mundo estavam transmitindo tudo o que acontecia aqui.

Sul21 — Qual a reflexão nesse ano do cinquentenário?

Lauro – O Instituto Histórico do Rio Grande do Sul resolveu fazer uma série, com a reconstituição histórica do movimento, e estou colaborando. O que estamos fazendo agora é esmiuçando, penetrando abaixo da superfície da Legalidade. Ver o que motivou isso, as implicações sociológicas, antropológicas, políticas, econômicas, de toda ordem. Porque foi um movimento da sociedade, isso não se pode negar. E a sociedade rio-grandense foi movida por essa coisa muito simples: o cumprimento do preceito constitucional. Eu acredito que os militares queriam impedir a posse de Jango até por influência estrangeira, porque ele teria uma certa inclinação para o lado esquerdo. E isso naquele tempo era muito perigoso. Os americanos não iam suportar essa colocação do Brasil, já uma potência emergente, ao lado das forças do outro lado. Na época, a gente intuía isso, mais do que sentia. Sabíamos que por trás disso tinha alguma coisa que não combinava com aquilo que estava posto. Tudo caminhava para um determinado desfecho ao gosto deles, do outro lado. Foi um momento muito importante no mundo, Fidel tinha se assentado em Cuba, a Guerra Fria estava em plena efervescência, tudo contribuía para que o mundo estivesse convulsionado. E aqui o processo não destoava desse contexto.”

ATUAÇÃO POLÍTICA DE HOMERO SIMON

Ainda no plano político, o mais importante engenheiro da história do rádio no Rio Grande do Sul era simpatizante do Partido Trabalhista Brasileiro. No governo Brizola, integrou a Comissão Estadual de Energia Elétrica, responsável pela estatização da subsidiária gaúcha da The Electric Bond and Share Company, levada a cabo em 13 de maio de 1959. No início da década seguinte, presidiu o Conselho Estadual de Comunicações, órgão por onde passou a encampação, em 16 de fevereiro de 1962, das instalações da Companhia Telefônica Nacional, controlada pela International Telegraph and Telephone Company.

Homero foi um entusiasta do projeto de sistema de televisão por cabos no Brasil, mas objetivava a implantação deste sistema de uma forma diversa da defendida por outros engenheiros do setor. Graças a seu reconhecimento como autoridade no setor de telecomunicações, em 1974, Homero conseguiu impedir que o Brasil adotasse o sistema norte-americano de televisão por cabos, enviando dossiê às autoridades federais sobre a ameaça que representava a sua adoção para a soberania nacional.

FEITOS TECNOLÓGICOS

Para o gerente de programação da Rádio Guaíba, Flávio Dutra, Homero marcou a história da comunicação no Rio Grande do Sul. Ao citar uma frase de Milton Jung, locutor do Correspondente Renner, Flávio disse que Homero foi “o mago do som”, acrescentando que existiu rádio antes e rádio depois de Homero Simon. Em 1958, de acordo com Dutra, ele viabilizou a transmissão da Copa do Mundo na Suécia através da adoção de um sistema avançado e revolucionário, que era o SSB – Single Side Band – com a característica de som local. Adiantou que ainda hoje, o transmissor da Guaíba (de 1968) possui qualidades iguais ou superiores às de equipamentos atuais.

Em parceria com Amir Domingues, Homero Simon definiu os circuitos de radiocomunicação a serem usados na transmissão de dados de todo o Estado para a cobertura das eleições de 1958, parceria repetida quatro anos depois em nível nacional, trabalho exitoso realizado naqueles tempos em que falar de Porto Alegre a São Paulo era uma dificuldade quase intransponível em termos de telefonia, que dirá usando ondas eletromagnéticas.

De Homero Carlos Simon, pode-se ainda destacar o caráter visionário, de alguém que sabia como poucos identificar o potencial de novas tecnologias. Em 4 de outubro de 1957, por exemplo, a Guaíba, em um feito tecnológico para a época, capta o sinal do Sputnik, o primeiro satélite artificial da história, lançado horas antes pela União Soviética. A transmissão daquele bip-bip marcava uma audácia técnica do engenheiro. Vinte anos depois, como registra depoimento de Simon existente no acervo do Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa, ele integrou um grupo de pesquisa com uma proposta muito à frente de sua época. Queria conectar a capital à cidade de Venâncio Aires, em um projeto pioneiro de TV a cabo, os sinais chegando até lá por microondas.

Assim, na certeza de que prestamos uma justa homenagem a este grande gaúcho, apresentamos o presente projeto de resolução, denominando “Engenheiro Homero Carlos Simon” o Espaço de Inclusão Digital da Assembleia Legislativa (hoje conhecido como AL.com).

Sala das Sessões, em

MESA